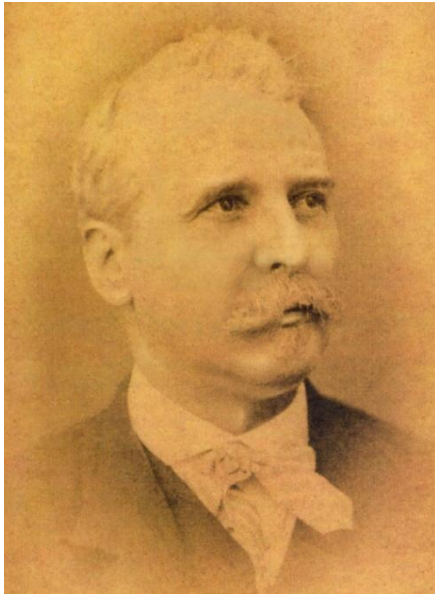




(Re)descobrimos Gomes de Amorim (IV) – O *Sairé* do Curumu de Alenquer



Francisco Gomes de Amorim (em foto datada de 31/08/1869 – *apud* Costa Carvalho, em *Aprendiz de Selvagem* – p. 392).

Se perguntarmos aos jovens paraenses de hoje sobre o *Sairé*, dirão eles, sem hesitar, que se trata de uma manifestação folclórica exclusiva da vila de Alter-do-Chão, município de Santarém, de onde seria originário. A releitura recente da obra do escritor português Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), mostra, contudo, que essa crença pode muito bem não ser o que parece.

Gomes de Amorim, natural da pequena aldeia de Aver-O-Mar, em Póvoa de Varzim (Portugal), veio, com apenas dez anos de idade, ao Pará, onde viveu por quase nove anos – três dos quais, de 1840 a 1843, intensamente vividos na pequena vila de Alenquer, no Baixo Amazonas. Regressou, em 1846, à pátria, e, graças ao incentivo e à amizade do visconde de Almeida Garrett, fundador do *romantismo* em Portugal,

tornou-se um dos mais importantes e prolíferos escritores da chamada *segunda geração* romântica de Portugal e o maior biógrafo do próprio Almeida Garrett.

Apaixonado por Alenquer, onde, segundo sua própria e surpreendente confissão, teve “a primeira revelação da poesia”, Gomes de Amorim jamais esqueceu a “povoaçãozinha” que tão ternamente o acolheu na passagem da infância para a juventude e retribuiu todo esse carinho entronizando e imortalizando o nome de Alenquer e, principalmente, o do seu lago Curumu, em suas magníficas obras, na segunda metade do século XIX.

José Rodrigo Carneiro da Costa Carvalho, autor de uma alentada biografia de Gomes de Amorim (*Aprendiz de Selvagem – O Brasil na Vida e na Obra de Francisco Gomes de Amorim*), destacou, em recente e-mail enviado ao editor do boletim, que “o melhor de Francisco Gomes de Amorim, o mais suculento e o mais genuíno da sua literatura” está, precisamente, “no vasto e riquíssimo Amazonas dos seus escritos sobre as suas andanças na selva”.

A peça teatral *O Cedro Vermelho*, de Gomes de Amorim, levada à cena em 8 de maio de 1856 no Teatro Dona Maria II em Lisboa e editada em forma de livro em 1874, é totalmente ambientada nas duas margens do lago Curumu de Alenquer.

Essa peça extraordinária e quase épica alcança uma grande intensidade dramática à altura da cena XV do Ato II, quando o vilão da trama (o índio mura, e, também, *cabano*, chamado Brás ou Joaquim) rapta a sobrinha do coronel Duarte, de nome Matilde ou Rosa do Surubiú,

que morria de amores por Lourenço ou Cedro Vermelho, guerreiro da tribo juruna e herói da história, e com ela se embrenha na floresta da margem setentrional (“o lado de lá”) do lago Curumu, não sem antes escarnecer do rival que assistia da margem ocidental (“o lado de cá”) do lago o mura afastar-se rapidamente na *montaria*, com Matilde feita refém:

– “Adeus Cedro Vermelho, valente guerreiro! Quando a saracura cantar, que a tua flecha esteja cravada na mungubeira do lago! O índio mura leva a tua amante. Ri-se de ti e do teu desafio, dos brancos e dos pretos!”

É nesse momento crucial – em que o Cedro Vermelho e o coronel Duarte, com o pessoal do sítio e o guardamarinha lusitano Francisco (provável *alter ego* do autor da peça) se deslocam até a margem setentrional do lago, em perseguição ao raptor – que Gomes de Amorim revela o admirável achado de um inestimável e insuspeitado tesouro da cultura alenquerense: o *Sairé* e a festa de São Tomé, que, então, se realizava, no glorioso ano de 1837, no tal “lado de lá” do Curumu.

Segundo Gomes de Amorim, os índios da Amazônia acreditavam piamente que o Santo Apóstolo andara pelo Brasil a ensinar aos seus antepassados o cultivo da mandioca e a festa de São Tomé, ainda segundo ele, assemelhava-se aos festejos lisboetas de Santo Antônio (pelo “saltar das fogueiras”) e à festa do Espírito Santo (pela “derrubada do mastro”) – mas destas se diferiam “pelas bebedeiras, mais homéricas e duradouras” nos folguedos do Curumu animados pelo *Sairé*.



Um gigantesco e estilizado *sairé* ou *toriuva* erguido na praia de Alter-do-Chão em Santarém (Foto: LIV)

Didático, ensina o poeta *avelomarense*: “Sairé ou toriuva é um semicírculo de cipó, com seis palmos de diâmetro, quadripartido, tendo uma cruz e um espelho em cada uma dessas partes e outra cruz no meio da periferia”. Citando o renomado Antônio Ladislau Monteiro Baena, autor do *Ensaio Corográfico da Província do Pará*, acrescenta Amorim sobre o semicírculo: “É todo coberto de algodão batido, ornado de malacachetas e fitas, e aderentes a seis pequenas varas, também cingidas de algodão, nas quais seguram três índias, sendo a do meio denominada *mestra*, e pegando outra índia na ponta de uma outra fita, que está atada ao alto do *sairé*, por baixo da

cruz; esta índia vai saltando para um lado e outro após a *mestra*, e também para diante dela, voltando outra vez ao seu lugar.” Numa narrativa deliciosa, Gomes de Amorim faz desfilar diante dos nossos olhos o séquito de “juizes e juizas” da festa e a barulhenta procissão “ao toque de tambor e pífano”, sob o “esporcar de foguetes”, “salvas de espingarda” e repetidos “vivas ao São Tomé”, que era o “santo dos tapuios do Curumu”.

E mais: a “cantoria” terna e compadecida dos devotos (“*Bendita mulher é Santa Maria / E Jesus menino é lindo como ela. / Oh! Santa Maria, Santa Maria. / Nos céus e na terra, bendita sejais (...)* Sairé, sairé, sairé / *Em louvor do senhor São Tomé*”) seguida de interessantes “desafios” entre os “juizes e juizas”, ao ritmo do lundu (“*O cacau dá vinho doce / Doce fruta o biribá; / Mas não há nada mais doce, / Do que os quindins de Iaiá! / Mingau de batata / E de jerimu; / As moças bonitas / São do Curumu*”).

E, por último, mas não menos importante, o “romance da Curupira” na dolente declamação da tapuia Miquelina (“*Onde estás, meu terno amante? / É noite, e chama-te amor; / Vem guardar teu arco e flecha / Ó meu gentil caçador! (...)* À Curupira pertence / *Quem entra em seus arvores. / O teu querido foi morto / Por saber os*



A beleza da paisagem do lago Curumu de Alenquer, descrita por Gomes de Amorim em 1856, ainda remanesce na atualidade, apesar do desmatamento desenfreado ocorrido em mais de um século e meio (foto cedida por Marjean Monte).

meus segredos. / Ninguém viu mais a tapuia, / Mas dizem que não morreu. / É que foi por ser formosa / Que nos bosques se perdeu...).

Que lindo! Mas, por isso mesmo, dói tanto saber que, nos últimos 150 anos, as comunidades das duas margens do Curumu esqueceram as suas tradições e deixaram perder-se nas brumas do passado esse naco tão valioso do patrimônio histórico e cultural de Alenquer, cujos vestígios, agora, só podem ser vistos e vividos nas páginas vibrantes (ou “mais suculentas” e “mais genuínas”, como diz Costa Carvalho) das obras de Francisco Gomes de Amorim, o poeta de Aver-O-Mar.

Rachaduras nas “torres piramidais de ardósia” da Matriz de Santo Antônio

Quem chegava de barco à pequena Alenquer deparava-se com a imagem ímpar e agradável de ver: a comprida ponte do trapiche em estilo mourisco e o casario antigo, simples, mas bem ordenado, emoldurado pelas sapucaieiras floridas enfileiradas ao longo da primitiva rua da Praia (mais tarde avenida Getúlio Vargas, atualmente avenida Benedicto Monteiro, sempre conhecida como a rua da Frente) que confinava com a várzea que se interpunha entre ela e o Surubiú. Reluzindo sobre o telhado do casario, descorti-

navam-se as belas torres da Igreja Matriz de Santo Antônio e a cruz da Serra do Cruzeiro.

Na velha e bucólica paisagem de Alenquer – “*ao pé de um rio que os vergéis invade*”, como disse, num verso, o padre Manuel Albuquerque – predominavam o casarão construído pelo coronel Ramiro Caetano Duarte em 1886; o imenso e magnífico solar da família Corrêa (depois pertencente à família Marvão), que ocupava quase toda uma quadra com os fundos para a margem do igarapé; o conhecido Hotel do Ciro;

o Mercado Municipal, e, bem lá no fim da rua, a casa da veneranda dona Virgília Albuquerque.

A mansão dos Marvão levou a breca. Foi totalmente descaracterizada, a peso de desabamentos e sucessivas desconstruções e mudanças de destinação. Dela só restam ruínas que nem de longe sugerem a sua antiga imponência. A enchente do rio Amazonas e seus tributários em 2009, a maior de todos os tempos, deixou um rastro de destruição na rua da Frente (ou *rodafrente*, como se diz no característico linguajar dos

alenuerenses). Por sua causa, o secular casarão de Ramiro Caetano Duarte, o Hotel do Ciro e a casa de dona Virgília Albuquerque desabaram. O Mercado Municipal teve suas estruturas seriamente abaladas pelas águas, estando a mercê de uma “restauração”, que não chega nunca, pelos poderes públicos.

Em março de 2011 chegaram ao conhecimento do editor do boletim duas notícias alarmantes: primeiro, o prédio do Grupo Escolar Fulgêncio Simões, onde, há mais de um século, educa-se a juventude alenuerense – e que, junto com o também secular Paço Municipal, sede da Prefeitura, constituem hoje as peças arquitetônicas mais representativas dos áureos tempos da cidade –, encontra-se fechado e com suas estruturas comprometidas, a exigir urgentíssima reforma; segundo, a Igreja de Santo Antônio, de mais de cem anos, apresenta rachaduras em suas torres laterais.



A Igreja Matriz de Santo Antônio de Alenquer, enfeitada para a quadra antonina e para a Copa/2010 (Foto LIV).

Alenquer foi fundada – com o nome de *missão do Surubiú* – pelos franciscanos da província portuguesa de Nossa Senhora da Piedade. Como anotou certa vez o historiador João Bento Veiga dos Santos, os franciscanos não tinham tão bons cronistas como o jesuíta João Felipe Bettendorf, que narrou, com detalhes, os primórdios da *aldeia do Tapajós* (Santarém). Por esse motivo, não se sabe com precisão quando ocorreu a fundação da aldeia do Surubiú. Sabe-se que, anos antes, os mesmos franciscanos,

também chamados “capuchos” (que não se confundem com os “capuchinhos”), haviam fundado a aldeia dos Barés, ou *missão do Curuá*, próximo à foz desse rio, e que, devido à animosidade com os colonos do Forte Pauxís (Óbidos), resolveram fazer o *descimento* dos índios Barés e alguns gentios do Trombetas para um “local sadio e farto” à margem do que pensavam ser um lago, denominado Surubiú, onde fundaram a *missão* com esse nome, consagrada a Santo Antônio de Lisboa, fato, aliás, denunciado ao Rei de Portugal como “crime” atribuído aos religiosos, conforme se lê na Carta Régia de 17 de maio de 1730. É certo também que em 1720 a *missão do Surubiú* já figurava na relação das missões franciscanas na província do Pará.

Não se sabe igualmente quando foi construída a Igreja de Santo Antônio na aldeia do Surubiú. Há quem diga que a sua construção começou em 1849 e terminou em 1870. É provável que, inicialmente, tenha sido erigida uma simples capela. Há uma lenda que diz que a imagem de Santo Antônio sumia da primitiva capela e era mais tarde encontrada no tronco de uma árvore, em outro local, onde foi edificada a sua Igreja. Mas o “sumiço” da imagem de Santo Antônio e o seu “reaparecimento” em local distinto é um tema recorrente na biografia do taumaturgo. O fato é que, em 1758, a aldeia do Surubiú recebeu o título de vila e a denominação de Alenquer, dada por Mendonça Furtado, e, no ano seguinte, o bispo Dom Frei Miguel de Bulhões deu-lhe o título de paróquia e à Igreja o título de Matriz. Portanto, é fato que, em 1759, já existia a Igreja de Alenquer.

Em 19 de junho de 1881, houve um incêndio no altar-mor e no retábulo, que queimou várias imagens, inclusive a de Santo Antônio. Foto constante do livro de Otille Coudreau, *Voyage au Rio Curua*, mostra que, em 1901, a Igreja Matriz não possuía as



A *Église d'Alemquer*, sem as duas “torres piramidais de ardósia”, em 1901 (apud Otille Coudreau, em *Voyage au Rio Curua* - Paris, 1903, p. 93).

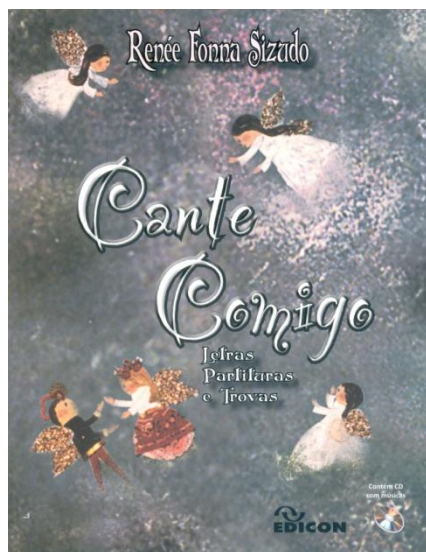
duas torres laterais hoje tão admiradas e certamente levantadas em suas reformas posteriores.

A ordem do tempo e das coisas em Alenquer é a festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade. A iluminação da Matriz por centenas de lâmpadas que recortam o seu contorno é inerente à festa, para que as suas “torres piramidais de ardósia”, como as chama Benedicto Monteiro em seu *Verde Vagomundo*, não se confundam com o céu nas noites da celebração. Em 1916, pela primeira vez, a Matriz foi iluminada, com gás acetileno, para os festejos antoninos.

Desde o ano 2000 os padres *verbitas* (da Sociedade do Verbo Divino, fundada por Arnaldo Janssen em 1875, em Steyl, na Holanda) sucederam aos franciscanos na administração da paróquia de Alenquer.

A cidade que deixou cair no esquecimento tradições como o *Sairé* e a festa de São Tomé do Curumu, deixará desabarem as lindas “torres piramidais de ardósia” da Igreja Matriz, assim como, por descaso das autoridades e falta de cuidados dos próprios donos, viraram escombros o casarão do coronel Ramiro, o solar dos Marvão, o Hotel do Ciro e a casa de dona Virgília Albuquerque? Ou como ameaça ruir o Grupo Escolar Fulgêncio Simões? Será que somente um novo e grande milagre de Santo Antônio é capaz de salvar o patrimônio arquitetônico de Alenquer – esse “sorriso de Deus feito cidade”, como bem a define, em versos hoje postos à prova, o padre Manuel Rebouças e Albuquerque?

Renée Sizudo – “Uma artista brasileira de méritos plenos”



Renée Fonna Sizudo nasceu em Santarém, no Baixo Amazonas, em 1934. Em sua família a arte sempre foi transbordante. Seu pai, Apolônio Fonna, foi um dos precursores da fotografia no Pará. Seus tios ficaram famosos na pintura (João Fonna), na música (Raimundo Fonna) e nas conhecidas “cuias pintadas” de Santarém (Pedro Camargo Fonna).

Aos 13 anos iniciou os estudos de canto lírico em Belém, no Conservatório Carlos Gomes, sob orientação da pianista Maria Helena Coelho Cardoso, graduando-se em São Paulo, onde ingressou, por concurso público, no corpo de cantoras líricas do Teatro Municipal, do qual se aposentou em 2002. Pianista e compositora, musicou poemas de Frederico Garcia Lorca e de vários outros poetas, e fez também as suas próprias composições. Perto de completar 50 anos como professora de música, realizou um grande sonho

longamente acalentado: publicou recentemente o livro *Cante Comigo* (SP: Ed. Edicon, 2010), fruto dos seus contatos diários com as crianças e lindamente ilustrado não só com suas partituras, mas, também, com reproduções de suas telas e esculturas.

O editor do boletim é naturalmente suspeito, por laços de afinidade (a artista é tia da sua esposa), para falar do talento excepcional de Renée Sizudo. Abre-se espaço, por isso, e a seguir, ao texto abalizado e revelador do crítico de arte José da Veiga Oliveira, sob o título que bem sintetiza o que dela se deve dizer:

UMA ARTISTA BRASILEIRA DE MÉRITOS PLENOS

“Para a santarena Renée Sizudo vida e arte se interpenetram. E com a inusitada particularidade de ser ela uma artista cuja técnica e amplitude de expressão se estendem do visual ao auditivo e às letras: da pintura cerâmica, escultura, desenho (artes do espaço) à música (arte do tempo), além da poesia e da literatura!

De tenra idade a inteligência, vinda a cultura por acréscimo a seu devido tempo, tornou-a cônica dos valores estéticos que balizam as expressões artísticas. Instintivamente deu-se conta do “ser-no-mundo” (Heidegger); da suprema importância da obra pictórica que outorga testemunho, através as linhas, as cores, os variegados matizes, os volumes, a finura do traço, e os impulsos emocionais, incorporados à Arte. Em Renée Sizudo, esta não é nem retró-

grada, nem acadêmica, nem provocativa, nem anedótica; jamais enfeudada a qualquer tipo de serôdio nacionalismo folclorizante.

A técnica da Colagem, que em mãos ineptas merece, quando muito, uma ocasional olhadela de soslaio, torna-se em Renée Sizudo, um profundo e instigante *leitmotiv* para a eclosão de perturbadoras obras-primas, embebidas de íncita e pura beleza plástica.

Quedamo-nos sensibilizados perante uma justaposição de elementos barrocos, clássicos, modernos, uns que outros integrados numa tremenda complexidade polifônica de vivências intemporais, por vezes surrealistas, de motivações hauridas na realidade social, política e jurídica hodierna, revelando, em Renée Sizudo, o estofado de uma artista de nossa época. Autodidata nas artes visuais, cantora, pianista, oriunda de uma família que preza a música, Renée Sizudo não resistiu à magia do som expressivo. Cedeu aos inefáveis apelos da composição, enriquecendo com suas partituras – muitas já editadas – o repertório de concertos e as fileiras de nossas compositoras.

Por todos os motivos essa artista múltipla, detentora de um talento verdadeiramente ímpar, adquiriu, por direito próprio, o gabarito de uma condigna representante da arte brasileira.”



CORREIO ELETRÔNICO — ■ MANUEL GOMES DA TORRE (doutor em lingüística aplicada, cidade do Porto/Portugal - 22/03/2011 - 19h51): “Caro Dr. Luiz Ismaelino: Como tenho aprendido com o seu jornalzinho de quatro páginas! Quer saber que eu nunca tinha ouvido falar desse inglês aporuguesado que até traduziu seu aristocrático nome para a nossa língua? O paralelismo que o Dr. Ismaelino faz da sua biografia com a do paraense Fulgêncio Simões é absolutamente pertinente: ambos apaixonados por uma Alenquer, só que uma do lado de cá e outra da ‘banda di lá’, como dizem os nossos ‘brasileiros de torna viagem’. O poema ‘O Caçador e a Tapuya’ também foi musicado por um músico poveiro e distribuído em CD. Vou recomendar à Câmara Municipal de Póvoa de Varzim que lhe envie uma cópia (...) Cordiais saudações do muito grato – M. Gomes da Torre.”